

Famílias e fotografia

John Mraz¹

A família estabeleceu uma relação íntima com a fotografia quase desde que apareceu, e depois que George Eastman inventou a “Kodak” em 1888 esse meio se tornou o instrumento principal de sua representação. Em um de seus primeiros projetos de investigação, Pierre Bourdieu documentou a centralidade da família na fotografia, observando que mais de dois terços de todos os fotógrafos estão ocupados em fazer imagens das cerimônias e reuniões familiares, além das férias de verão. Bordieu afirma contundentemente que:

A prática fotográfica existe – e subsiste – a maior parte do tempo, por sua *função familiar* ou, melhor dito, pela função que lhe atribui o grupo familiar, por exemplo: solenizar e eternizar os grandes momentos da vida da família, reforçar, em suma, a integração do grupo familiar reafirmando o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade.²

Como é de seu estilo, Bordieu colocou seu dedo definitivamente sobre as limitações da fotografia familiar. Poderíamos estar tentados a pensar que as imagens de família oferecem uma variedade sem limites de representações que embalsamam a vida cotidiana, os contextos domésticos e os pedaços do mundo fenomênico que fazem da fotografia uma fonte perfeita para a história social. Sem dúvida, como comentou David Jacobs,

“as instantâneas domésticas não documentam normalmente eventos cotidianos como a família vendo a televisão, trabalhando na cozinha e cortando a grama.

¹ Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades Universidad Autónoma de Puebla. "Agradeço a CGCI-CAPEs (Coordenação Geral de Cooperação Internacional-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Ministério da Educação, pela bolsa dentro do Programa Professor Visitante Estrangeiro (PVE), que permitiu minha estadia no Brasil durante o período de agosto a dezembro de 2004, como Professor Visitante no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense".

² Pierre Bourdieu, *La fotografía: un arte intermedio*, México, Nueva Imagen, 1989, p. 38. Originalmente publicado em francês em 1965.



Fazem-se fotografias quando a família está envolvida em experiências extraordinárias”.³

Inserida nos ritos fundamentais da vida familiar, a fotografia é cronista e, assim mesmo, é uma atividade central destes rituais que, ademais, os soleniza. Assim, a fotografia familiar é comumente muito estereotipada e convencional, porque representa as pessoas em seus papéis socialmente designados – o pai, o esposo, o tio de Los Angeles – em lugar de captar sua individualidade. Fora isso, é idealizadora, vez que as imagens retratam sorrisos e abraços em lugar dos pratos de sobremesa, dos ressentimentos latentes, das rivalidades entre irmãos e das incompreensões das distintas gerações que são também parte das reuniões familiares. Os praticantes da fotografia familiar aderem inconsciente e insistentemente aos códigos de posar estabelecidos há muito, nos quais somente o bom comportamento que tem a aprovação social pode ser fotografada, mais tarde se fará outro processo de seleção ao escolher entre as várias imagens possíveis para inclusão no álbum familiar. Estas convenções, longe de tentar abrir portas à realidade da família, estão, de fato, designadas para guardar seus segredos e protege-los do escrutínio público.

Isso tudo significa as fotos de família são úteis para os antropólogos e historiadores? Não se tem nenhuma dúvida de que estas imagens oferecem possibilidades enormes. Como todas as imagens técnicas, as fotos conservam aspectos fundamentais da vida material e das relações sociais.⁴ A fotografia de família também é o documento doméstico que predomina; é difícil pensar em escrever uma história da família sem este recurso. Assim mesmo, as fotos familiares podem oferecer uma possibilidade de escrever histórias alternativas, de contar “a

³ David Jacobs, "Domestic Snapshots: Toward a Grammar of Motives", *Journal of American Culture*, 4:1, 1981, p. 96. Todas as traduções do inglês são minhas.

⁴ Ver os meus seguintes textos para uma exposição mais completa do assunto: "La fotografía histórica: particularidad y nostalgia", *Nexos*, 91, Julio de 1985; "Más allá de la decoración: hacia una historia gráfica de mujeres en México", *Política y cultura*, 1, otoño de 1992 (UAM-X) y "Imágenes ferrocarrileras: una visión poblana", *Lecturas históricas del Puebla*, no. 59, Puebla: Gobierno del Estado, 1991.



outra metade” da história.⁵ Finalmente, abrem uma janela para os gostos das pessoas ao mostrar aquilo de que elas “*estavam orgulhosas, o que achavam interessante e o que queriam mostrar aos outros*”.⁶

Foto 1



Casal nas vias do trem,
Oriental, Puebla, cerca de 1950.

Foto 2



Meninos posando em cima do trem,
Oriental, Puebla, cerca de 1950.

Eu mesmo tenho utilizado fotos de família em algumas produções históricas. Para uma história dos ferroviários mexicanos em vídeo, examinei álbuns familiares do povo Oriental, Puebla.⁷ Ali encontramos imagens de casais abraçados nas vias do trem. (Foto 1) e de meninos em cima das máquinas (Fotos 2 e 3), fotos que mostram o estreito vínculo entre a ferrovia e o povo. Um dos entrevistados para a fita comentou que, “*todos nós que nos radicamos aqui somos ferroviários... Ou trabalha na ferrovia ou se vai, porque não há outra fonte de trabalho.*” O grau no qual o mundo público da ferrovia está entrelaçado com as vidas dos habitantes de Oriental se faz patente nas fotos dos meninos com seus pais nas máquinas (Foto 4); e

⁵ Ver David Russell, "Any Old Albums? - Building a People's History", *Camerawork*, 16 (November, 1979).

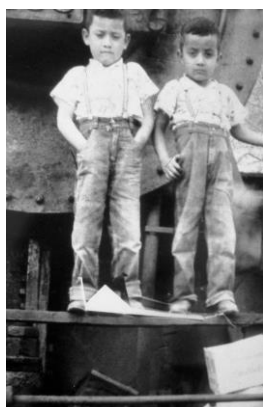
⁶ Marie Czach, "'At Home': Reconstructing Everyday Life Through Photographs and Artifacts," *Afterimage*, 5:3 (September, 1977), p. 11.

⁷ John Mraz y Gloria Tirado, *Hecho sobre los rieles: una historia de los ferrocarrileros mexicanos*, Universidad Autónoma de Puebla, 1988.



igualmente impressionante reveladora é a ausência das meninas. Em outra ocasião anterior, incorporei num filme sobre os anos 50 nos Estados Unidos, fotos caseiras de meu irmão e eu vestidos de soldados, encantados que estávamos com nossos presentes de Natal: correias de metal, cinturões e mochilas e até polainas verde-oliva, armado com rifles BB.⁸ As imagens servirão muito bem em justaposição com fotos da interferência armada dos Estados Unidos em várias partes do mundo para mostrar a militarização da vida privada nesse país. As duas instâncias indicam como as fotos familiares e os filmes caseiros servem como elementos para estudar as mentalidades.

Foto 3



Meninos posando em cima do trem,
Oriental, Puebla, cerca de 1950.

Foto 4



Família posando junto a um trem,
Oriental, Puebla, cerca de 1950.

Todavia, penso que teríamos que reformular e ampliar nossas expectativas sobre o tipo de informação que nos proporcionam as fotos de família. Além do detalhe social e da evidência de mentalidades, quiçá deveríamos buscar as maneiras em que as fotos revelam a “visão familiar”, essa estrutura visual que “situa

⁸ John Mraz y Raymond Tracy, *Cracks in the Wall: America/the Fifties*, University of California, Santa Barbara, 1972. Para um exemplo interessante de utilizar filmes caseiros num documentário, ver *Capturing the Friedmans* (Dir. Andrew Jarecki, 2003).



*sujeitos humanos na ideologia, na mitologia, da família como instituição e projeta uma película de mitos familiares entre a câmera e os sujeitos.*⁹

A questão que nos deveria ocupar agora e aqui é como aplicar estas idéias às fotografias de famílias mexicanas. Que dias usam suas câmeras os homens mexicanos – Bordieu afirmou que a fotografia é um privilégio masculino na França, e há pouca razão para pensar que seja diferente no México – e fazem posar a família: no Natal, na semana santa, na primeira comunhão, na festa de quinze anos? Onde decidem que deve posar a família: em qual parte da casa ou frente a quais estruturas? De que tipo de coisas se acercam as pessoas para serem fotografadas?¹⁰ Como estão vestidas? Quais diferenças se podem observar entre fotos feitas por famílias camponesas e as da classe média? Finalmente, quais são os “olhares familiares” no México, e que diferenças tem de acordo com as regiões, as classes, as etnias, os gêneros e os contextos históricos?

Penso que uma das questões mais importantes aqui é examinar como está representado nas fotografias de família o sufocante patriarcado que domina tanto a vida pública como a privada no México. Parece-me claro que a estrutura familiar fundamental que afeta profundamente todas as esferas da vida mexicana, com o resultado de produzir a impunidade de qualquer um no poder e a incapacidade de uma crítica rigorosa que tanto debilita esta cultura, é o patriarcado, encarnado no grande pai de família como presidente, diretor, juiz ou polícia, a quem não se pode nem criticar, nem questionar. Quais são os elementos constitutivos deste fenômeno, e como estão representados em fotos nas quais o patriarca está quase sempre ausente, porque as está tirando?

É obvio que para se sondar profundamente a fotografia de família no México se requer investigações extensivas. Descobrir as fotos é um primeiro passo. Logo, ter-se-á que fazer entrevistas intensivas para poder pegar as informações enterradas

⁹ Marianne Hirsch, *Family Frames: Photography, Narrative and Postmemory*, Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 11.

¹⁰ Impossível não recordar aqui a magnífica cena em *Reed, México insurgente* (Paul Leduc, 1971) na qual o General Urbina constrói laboriosamente o cenário, com Victrola entre outras coisas, para que fotografe John Reed.



nas imagens.¹¹ Depois de tudo, o público primário para estas fotos é o fotógrafo e sua família: eles aportam uma riqueza de conhecimentos e memórias ao observarem estas imagens, as quais habitualmente só são inteligíveis para os que têm as chaves de seus conteúdos e de seus contextos simbólicos. Também tem que se vincular as memórias pessoais com a história geral. Aqui, bem poderia ser frutífero desenvolver investigações comparativas em outras formas visuais cujos sujeitos também são a vida familiar, como o cinema, as telenovelas, as fotonovelas e os anúncios.¹² Não há dúvida que há uma relação entre as estruturas sociológicas manifestas nas fotos de família e nas outras formas de cultura visual. Se os investigadores podem desenvolver os instrumentos para interrogar efetivamente as fotografias domésticas, é claro que teremos outro documento visual para construir uma história realmente popular do México. Para além disso, a incorporação de novas imagens será um avanço notável em relação a dependência atual que se tem das fotografias reutilizadas cansativamente que provêm dos arquivos públicos como o da Fototeca o do INAH e do Arquivo Geral da Nação; imagens, estas, cuja a falta de informação as debilita seriamente como fontes de investigação social.

Em suma, a fotografia de família – o que Bordieu chamou “*a manufatura doméstica de emblemas domésticos*” – oferece oportunidades fascinantes para os que sabem investiga-la e emprega-la em seu trabalho.

¹¹ Os leitores se darão conta de que as fotografias que aqui reproduzimos levam pouca identificação. Infelizmente, não pudemos levar adiante as entrevistas detalhadas sobre estas imagens, principalmente porque nosso propósito era o de utiliza-las na fita de vídeo sobre a história dos ferroviários e não como fonte de uma história gráfica impressa.

¹² Michael Lesy, "Snapshots: Psychological documents, Frozen Dreams," *Afterimage*, 4:4 (October, 1976), p. 13.

